RelevO

dezembro/2023, n. 05, a. 14
• Periódico literário independente
feito em Curitiba-PR desde set/2010
• ISSN 2525-2704

Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As ilustrações desta edição são de **Gilberto Marques**. Você pode conferir mais do trabalho dele em **gilbertomarques.com.br**.

DOS CUSTOS DA VIDA

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES:
R$ 100 Mayra Corrêa e Castro; Miguel Manassés; Degusto Café; Fabiano Klostermann; Marcelo Wilinski; Eduardo Baggio; Mauri Konig; Dinovaldo Gilioli; Rita de Cássia Cassitas; Romy Huber Pradi; R$ 105 Priscila Silva; Israel Siqueira Santos; David Milani; R$ 140 Juliana Almeida; Arthur Amorim; Lucas Laranjeira; R$ 140 Rômulo Cardoso; R$ 200 William Soares dos Santos; Lucas Scandura; R$ 210 Daniel Martini; R$ 30 Assinantes Substack; R$ 35 Gabriel Bicho; R$ 420 Zeh Gustavo; R$ 70 Ana Magnoni; Dani Meriko; Gilberto Marques; Greicy Bellin; Marcelo Cardoso; Marcella Lopes Guimarães; Gustavo Ribeiro; Marcelo Augusto Toscano Lyra; Rita de Cassia Gonçalo Alves; Lucas Sanches Lima; Mila Cassins; Marina Grandolpho; João Paulo Vani; Ivan Jesus Junior; José Vecchi Carvalho; Glauber Coutinho de Oliveira; Cintia Yamanaka; Bellé Júnior; Eleazar Venancio Carrias; Anthony Portes; Caio Silas Alvarenga; André Gobi; Giovana Erthal; Mariana Ronchetti; Maria Marta Avancini; Márcio Berclaz; Isadora Muniz Vieira; Geovana Erthal; Bolívar Escobar; Fellipe Aníbal; Aline Fernanda Freitas; Patricia Sardá Hervella; Renato Rodrigues; Yohan Barczyszyn; Emerson Penha; Adriana Gama de Araújo; Bárbara Viacava, Maria Barbieri.

TOTAL: R$ 5.630

ANUNCIANTES:

R$ 1800 Anunciante RelevO Casa Queer; R$ 200 Flávio Sanso; R$ 50 O Alienígena.

TOTAL: R$ 2.050

(–) CUSTOS FIXOS
Gráfica: R$ 2.280
Escritório: R$ 300
Embalador: R$ 50
Editor-executivo: R$ 0
Editor-assistente: R$ 400
Mídias sociais: R$ 400
Diagramação: R$ 200
Infografia: R$ 60
Colaboradores de novembro: R$ 540

(–) DESPESAS VARIÁVEIS
Transporte: R$ 200
Correios: R$ 3.236

(–) DESPESAS ADMINISTRATIVAS
Domínio mensal: R$ 135

(+) Entradas totais: **R$ 7.680**
(–) Saídas totais: **R$ 7.951**

(=) Resultado operacional: **- R$ 271**

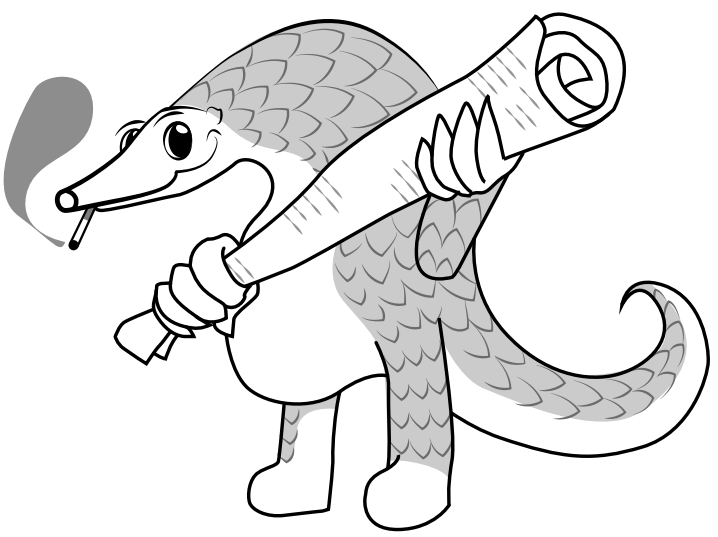
Dezembro/2023

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Amanda Vital
Revisão: Às Vezes
Projeto gráfico: André
Infografia: Bolívar Escobar
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 4.000

Edição finalizada em 30 de novembro de 2023.

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Guarnieri
Bruno Meirinho
Celso Martini
Morgana Rech
Felipe Harmata
Katia Brembatti
Osny Tavares
Whisner Fraga



instagram.com
facebook.com
twitter.com
medium.com

/JORNALRELEVO.COM

CARTAS

JACAREZINHO

Matheus Dias G. Soares Prezados leitores e produtores do **RelevO**, como bom jacarezinhense, não pude deixar de notar a menção à minha humilde cidade natal no editorial de novembro intitulado "Fora do centro, fora do clube". Da forma posta no início, dá-se a entender que o autor/editor estava de fato na pequena cidade do Norte Pioneiro do estado. Dito isso, o artigo fala sobre desprendimentos e, posteriormente, passa-se a impressão de que a menção a Jacarezinho foi apenas uma aleatoriedade. Como se colocassem cidades do interior em uma roleta e o ponteiro, por acaso, parou na municipalidade cuja marca oficial já foi uma cópia da logo da Lacoste (sério). Trata-se apenas disso a minha carta: uma constatação. No mais, convido todos a conhecer Jacarezinho. Além da Catedral, temos uma ou outra universidade para se conhecer. Nosso carnaval também não deixa a desejar. Saudações e vida longa ao Jornal!

Da redação Tudo bm, Matheus? De fato, o editor estava em Jacarezinho no fechamento da edição de novembro para um encontro entre autores e editores. A menção à cidade tem mais relação com o local de escrita, uma praxe jornalística, do que com uma aleatoriedade geográfica. Gostamos muito de Jacarezinho, com menção especial ao Estância 33, onde comemos muito bem e a preços muito honestos. Um grande abraço!

UMA SAGA

Pedro de Almeida Álvares Olá. Recentemente fui presenteado com uma assinatura pela minha mãe, e gostaria de retomar os dados enviados por ela, uma vez que não obtive resposta por meio dos e-mails que ela enviou. Aguardo retorno. Gostaria de saber melhor como funciona o livro escolhido que a assinatura engloba.

Pedro de Almeida Álvares Olá, boa noite. Estou mandando este e-mail referente à assinatura anual + o livro do Jornal. Estava aguardando ansiosamente pelos exemplares, como meus e-mails anteriores relatavam. Porém, tive um problema muito sério com a entrega da edição, e gostaria de uma resposta formal da parte de vocês, porque me entristece muito essa situação com um produto cujas minhas expectativas muito aumentaram com o passar das semanas. Estava aguardando a chegada da edição. Ninguém buzinou aqui na frente de casa, e estava garoando. Quando fui sair para passear com os cachorros, encontrei o envelope violado na calçada de casa. Tenho caixa de correio e campainha. O jornal molhou um pouco, mas o livro que vocês enviaram ficou extremamente molhado e inelegível. Vou tentar secar as páginas como puder, mas é realmente revoltante ver um livro que visivelmente foi feito com muito carinho nesse estado. Ele foi feito à mão, e essa entrega fora dos padrões acabou lesando o produto. Sei que já haviam me comunicado sobre as dificuldades de entrega, mas me entristece muito que eu tenha sido lesado dessa forma. Espero que possamos resolver isso de forma amigável, aguardo retorno urgente por conta da seriedade da situação. Deixo aqui também registrado que amanhã vou fazer uma denúncia nos correios, uma reclamação formal se faz necessária diante de um ocorrido tão errôneo da parte deles.

Pedro de Almeida Álvares Editor, um ótimo dia a você e à equipe. Agradeço profundamente as reposições, a vida tem dessas (apesar de sentir que uma maldição horrível tem se acarretado sobre mim; tudo que diz respeito à prestação de serviços tem dado tela azul na minha vida recentemente, desde pedir um Ifood e vir outra coisa completamente inusitada em meu pedido, até os atendentes passarem o valor errado na maquininha duas vezes no mesmo dia. Milagres da vida moderna.). Talvez eu mande um poema, ou uma crônica em breve, mas só pra não ficar perdendo o sono na cama imaginando-me a enviar, como tenho feito tanto nos últimos dias. Mas não sintam-se intimidados por essa ameaça formal, já que ando um tanto sobrecarregado com o romance que ando escrevendo. Mas entre o dilúvio literal e literário, uma boa notícia. Um dos jornais, por estar no meio, milagrosamente salvou-se (a edição de outubro, salvo engano), graças ao louvável ventilador (sugestão de minha noiva). Me diverti horrores lendo o tal do **RelevO**, apesar de papel jornal molhado não ser lá muito dobrável. Seguem fotos. Ps: o livro de contos que eu recebera no mesmo dia desempenhou seu papel como peso para a contracapa de forma execrável!

ACONTECE

Marina Victal Boa tarde, Jornal. Por aqui tudo certo, e contigo? Recebi sim o e-mail anterior. Estamos avaliando a renovação. A verdade é que acabamos não sendo muito assíduos na leitura e estamos ainda com alguns exemplares que mal abrimos. Não porque não gostamos da leitura, mas pela correria do dia a dia e da vida. De toda forma, muito obrigada pela lembrança do término da assinatura. Um braço!

Cleide Cristina Caldeira Olá, tudo bem? Com nossos mais sinceros cumprimentos, agradecemos pela gentil e importante doação dos fascículos do **RelevO** (de abril a agosto 2023) realizada para esta instituição. Salientamos que tal doação será aplicada integralmente na realização de nossos objetivos em disseminar a informação junto aos munícipes. Agradecemos também pela continuidade da gentil e importante doação do fascículo de setembro de 2023.
Atenciosamente,
Hemeroteca Biblioteca Mario de Andrade

Lausi Barcelos Gostei muito do tom irreverente do jornal. Faz muito meu gosto na literatura.

Fernando Barcelos Prezada equipe da sessão de leitores. Espero que esta carta os encontre bem. Gostaria de expressar minhas sinceras preocupações e descontentamento em relação ao conteúdo da sessão de leitores do jornal de literatura recentemente. Ao longo do tempo, tenho notado uma falta de diversidade nas opiniões apresentadas. Parece que as mesmas vozes são frequentemente destacadas, enquanto outras perspectivas e pontos de vista são negligenciados. Parece-me fácil republicar elogios ao periódico. Além disso, tenho observado que as críticas, quando existem, muitas vezes carecem de substância construtiva. Espero que esta carta seja recebida com a intenção construtiva com a qual foi escrita. Acredito no potencial do jornal de literatura e na capacidade de aprimorar a qualidade da sessão de leitores para melhor atender às expectativas e necessidades de sua audiência diversificada. Agradeço pela atenção e espero ver melhorias positivas no futuro.

O RIO DE JANEIRO CONTINUA...

Rita Gonçalo Dei um follow em vocês no Instagram (meu perfil é o @mulheridadepreta). Se em alguma edição do teu jornal aparecer alguma abordagem sobre erótico e desejo, vocês querendo, posso te enviar uma foto minha editada, em alta resolução, para publicarem. Assim a gente firma uma collab. Meu perfil tem bom engajamento. Vocês vão gostar.

Rita Gonçalo Boa noite, Jornal. Desculpe a demora em retornar. Pelo que entendi, a divulgação do teu jornal de forma impressa é uma decisão política. É isso? De que maneira eu, enquanto futura assinante, poderia ter uma colaboração intelectual/reflexiva junto com o periódico, uma vez que vocês só recebem poesias? Era isso que eu quis provocar quando do meu primeiro e-mail pra vocês: um diálogo interseccional. É que o periódico ainda não me toca nos temas que me são caros — o antirracismo e a independência erótica para mulheres racializadas. Aquele textinho que inicialmente foi pra vocês, a revista de literatura da PUC acabou agarrando-o. Não é poesia, nem conto nem romance, era um ensaio etnográfico antirracista. Das versões que li não me senti representada, afetada, nos textos escolhidos. Por essa razão ainda não me vejo convencida em assinar o periódico. *** ps.: eu também fiz muita venda de conteúdo. este perfil que vos teclo começou assim. Fui percebendo com o tempo que precisava convencer os interlocutores a acreditar na minha proposta política. Foi assim que consegui vender bem.

Rita Gonçalo Oiii, bom dia, tudo bem? Esse valor de assinatura que está no post ainda procede? Quero assinar. Obrigada. A newsletter que mandaram hoje por e-mail estava maraaa. Ri a pampas nesta manhã. Tenho me aproximado de profissionais da literatura. Penso a assinatura ocorrer em boa hora. Sorte a vocês!

João Alexandre Meu conto "O Retrato de João Gilberto" foi publicado na edição de novembro do Jornal. É uma historinha de terror com um pouco de sexo, drogas, rock'n roll, perturbação do sossego, inadimplência, ASMR e decoração de interiores.

Lia Petrelli Em novembro ganhei um caderninho, dois shows, duas peças, a alegria de ilustrar capa e miolo da edição especial da @acasaqueer + **RelevO**, ganhei a leitura de um trabalho de mestrado inteiro sobre os olhares na obra de Marguerite Duras, pesquisado pela cunhada da minha amiga Herta (80 e muitos anos), ganhei uma bolsa e uma caneca da Diadorim Editora para divulgar na vida real, e ganhei também a breve leitura de algumas páginas de vários livros (como esse de Al Berto) — que também me deu o caderninho, um dos shows e um novo respiro para a continuação da escrita do meu livro. Ganhei muitos escritores e artistas para admirar enquanto gravava a Feira Miolos todinha. Em novembro, também perdi coisas bastante importantes e agora tenho que traçar um novo plano para me manter sã, tipo o caderninho amarelo para anotar o que vejo por aí. Ainda bem que hoje é o último dia desse mês que durou anos.

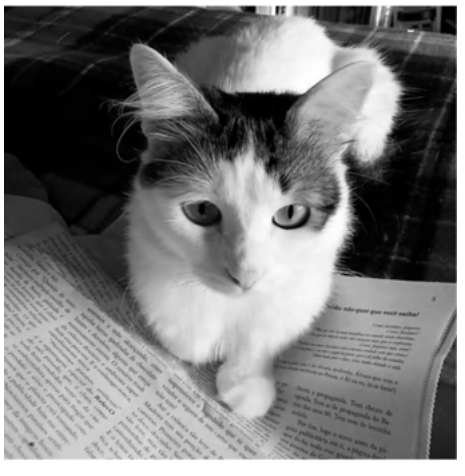
André Gobi Prezados, bom dia. Recebido o jornal. Agradeço o envio das duas edições anteriores também. Parabéns pelo trabalho. Ainda não consegui me dedicar com a atenção que o periódico merece. Mas já percebi o belo trabalho. Parabéns, abraço, sucesso e vida longa ao Jornal e àqueles que o tornam realidade.
Fazia Poesia Deu no **RelevO** ✍️ Se você assina o Jornal, então você deu de cara com esse anúncio da nossa chamada estampado na página 15 da edição de novembro. Na ocasião, trouxemos uma informação alarmante ao analisar os dados confidenciais dos assinantes e descobrir que quase todos (99,3%) escrevem poemas quando ninguém está olhando. Fazer parte da nossa equipe de poetas é uma oportunidade para tirar esses poemas da gaveta e publicá-los no portal Fazia Poesia. Se você não assina o Jornal e quer receber gratuitamente um exemplar dessa edição no seu endereço, deixe um comentário aqui embaixo e aguarde o contato pelo direct. Vamos selecionar três pessoas para presentear 🤓 (válido somente para o Brasil e para pessoas que não assinam o Jornal). O que você achou do anúncio? 😉✍️ Nossa chamada está com inscrições abertas até sexta-feira, 1° de dezembro.

Bolívar Escobar O **RelevO** de novembro está muito divertido e os textos todos estão bem legais (tirando o dos super-heróis). Parabéns para a equipe editorial! Aliás, meu provocante e inescrupuloso ensaio Análise do Naming das Principais Equipes de Super-heróis saiu no Jornal desse mês. Há quem ande lendo!

Benilson Toniolo Jornal mostrando a cara aqui no alto da serra. Uma capa mais linda que a outra. Os caras capricharam.

José Arildo Vieira Versos, contos, crônicas, trovas e haikais… teremos também? É apenas uma sugestão.

Amanda Vital Bianquinho já virou gato-propaganda do **RelevO** 😅



Feliciano Tavares Monteiro Fiquei feliz. Paraty, sólida ou líquida, sempre faz bem… Boa semana!

Inesperadamente, leitores

APOIADORES

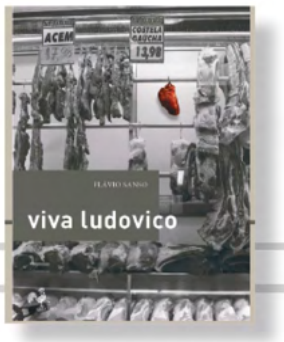
Novembro foi um mês movimentado — e nem compramos um Playstation na Black Friday. Comparecemos à Flip com uma edição especial do **RelevO**, em parceria com a Casa Queer. Fomos — editor e editor-assistente — na noite da quarta-feira (22), incomodados por Fluminense e São Paulo na rádio. Entre a visão comprometida pela neblina e jatos de água proporcionados por caminhões, chegamos em Paraty na quinta de manhã, após nove horas praticamente ininterruptas de deslo(u)camento, um tanto anestesiados pela breve passagem por um Graal Route Café NYC Market, na Rodovia Presidente Dutra.

Logo ao entrar no Rio de Janeiro, amaldiçoamos Paraty com a energia soturna do **RelevO**, fazendo a luz da cidade (inteira) acabar na nossa primeira noite. Tentamos, em um ato de ligeiro desespero, ir para outra cidade em busca de suprimentos e de um pouco de energia elétrica (difícil ler jornal em uma noite sem luz…), porém apenas estendemos nosso contato com a chuva. Na sexta-feira, circulamos, distribuímos exemplares (mais de 5 mil) e experimentamos o café com whey gratuito na Casa Folha. E cachaça. Voltamos para casa projetando uma circulação mais pujante para uma edição 2024 na FLIP.

Para o futuro próximo, precisamos/queremos participar mais das feiras e festivais de literatura. Além da distribuição direcionada a bibliotecas, pontos culturais e espaços de promoção da leitura – hoje enviamos para cerca de 200 pontos de forma gratuita e financiada pelos nossos assinantes –, entendemos que o público-alvo de tais eventos pode alçar o **RelevO** a um novo patamar de envolvimento com seus leitores. [Quem é o nosso leitor ideal? Aquele que entra em um texto sem pré-julgamentos, potencialmente curioso, sobretudo, gosta de ler e se divertir.] Também acreditamos que a distribuição direcionada pode ser de alta valia para os nossos anunciantes, que demonstraram engajamento financeiro a ponto de pensarmos em novas edições temáticas, para desolação dos designers e diagramadores do periódico.

Feiras e eventos, em geral, são bastante benéficos ao **RelevO** (e a qualquer pequeno comerciante que descobre seu nicho). Afinal, a probabilidade é muito maior de encontrarmos interessados na assinatura em qualquer aglomeração de leitores, escritores e editores do que batendo de porta em porta (física ou digital). Para tanto, naturalmente, precisamos de orçamento, de ações regulares de captação de recursos e do posterior custeio da logística. Ao menos, temos uma certeza: o **RelevO** sabe ser regular (regular!) e certamente podemos interessar àqueles que queiram seus projetos, livros, textos, editoras circulando no público que está atrás de algo para dizer "fui", entre uma estranha bebida láctea gratuita e uma queda de energia. Também não desconsideramos o Jornal como substituto (ineficaz) do guarda-chuva.

Uma boa leitura a todos.



Flávio Sanso

Aos açougueiros deveria sergarantido o direito a tratamento psicológico. Por que não? Lidam com a matança em série, produzem a carnificina em estado bruto. Já não parece motivo suficiente? É que a prática reiterada torna os nervos acostumados. Mas eis que durante o procedimento de abate, o açougueiro retratado nestas páginas encara o enorme animal pendurado e, num rompante de sensibilidade, é acometido pelo surto que o empurra para dentro de um turbilhão de acontecimentos insólitos. A partir daí é só alvoroço. Não é para menos, levando em conta a improvável convivência que se dá entre o açougueiro e Ludovico, criatura pródiga em espalhar transformações por onde atravessam suas passadas planejadas e elegantes que avançam como se acariciando o solo. Esta é mesmo uma história de transformações. E de sentimentos vibrantes, de ânimos despertados. E também de vida ou morte, mais vida do que morte, na medida em que conforme Ludovico vai teimando em se manter vivo, o sentido das coisas ao redor, até então sempre muito imperceptíveis, vai ganhando colorido de revelação. Viva Ludovico.

Para mais detalhes, acesse flaviosanso.com

Amanda Vital

OMBUDSWOMAN FINAL: é hora de dar tchau :(

Car_s leitor_s, uma hora tinha que acabar, né? Quer dizer, ficar um ano aqui abancada no mesmo espaço, a bunda começa a doer, a perna prende a circulação, as costas começam a travar, essas coisas de velho.

Chega ao fim minha temporada enquanto ombudswoman do **RelevO** (e fiquei até um pouco mais do que o plano inicial, pela alegria minha — e espero que vossa também). Que os textos aqui publicados nesse período tenham divertido um pouco mais a rotina de vocês, querido leitor, querida leitora. Que me perdoem pelos textos ácidos a mais ou bonzinhos a mais (ou a menos, em ambos). Que me perdoem pelos textos mais fraquinhos, que sei que fiz. Que tenham sido úteis as pequenas anotações, os comentários, as resenhas, as opiniões. Obrigada pelos retornos, pelas mensagens enviadas inbox, pelas críticas & elogios & reclamações publicadas no correio dos leitores.

Não sei escrever despedidas, não. Hoje, por fim, não vai ter textão.
Eu só agradeço muito mesmo a oportunidade.

Ao Nuno Rau [ombudsman anterior], ao editor Daniel Zanella, à equipe toda do **RelevO** e sobretudo a vocês.

Obrigada pela estadia leve e muito querida.

Da redação: A partir da edição de janeiro, o espaço de ombudsman será preenchido pelo escritor, compositor, cantor e ativista cultural Zeh Gustavo. Também é mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ, 2020) e licenciado em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF, 2000).

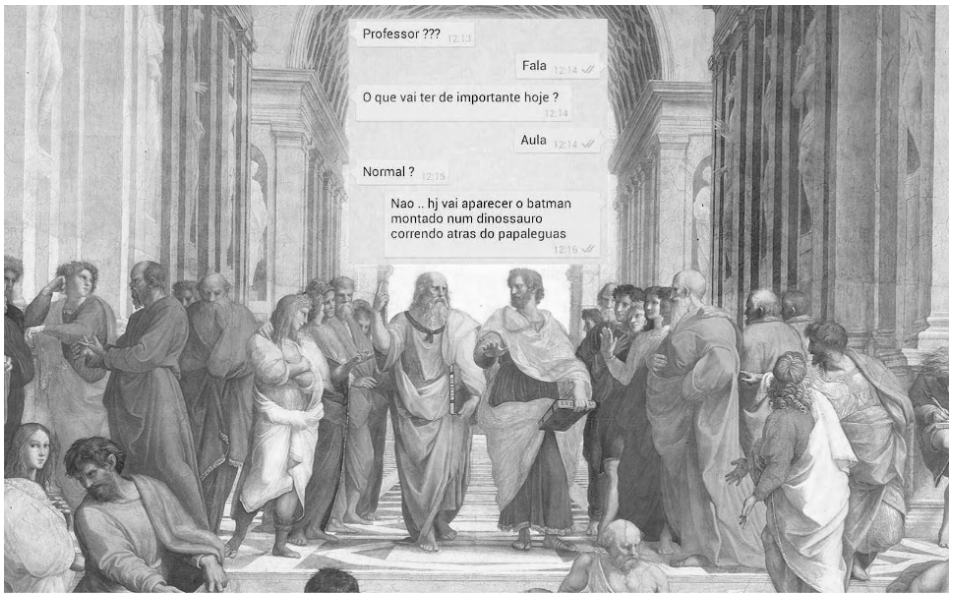
Bolívar Escobar

A filosofia representada por pessoas batendo boca na Internet

Às vezes estou de bobeira, assobiando, com a mão no bolso, caminhando pela Internet, e acabo na situação de testemunha ocular das mais diversas e não-solicitadas intrigas que a humanidade pode proporcionar. Lembremos: o que chamamos de Internet é, muitas vezes, nada mais que o pior e mais gasoso ambiente tóxico para arrumar conversa com alguém, sobretudo com desconhecidos em redes sociais que não tem nada a perder além do tempo dos outros.

Nessa mistura de desinibição e vontade de pôr em prática as discussões ensaiadas durante o banho, surgem diálogos cujos registros acabam me fazendo lembrar de algumas ideias filosóficas. Eu saco o Photoshop da minha maleta e vou postando esse tipo de meme pedante e bobo no Twitter, fato que costuma gerar dois tipos de reação: as pessoas passam reto e ignoram, ou respondem reclamando que não entenderam muito bem. Não tenho culpa: pedantismo e bobeirice são dois dos quatro pilares da Internet (os outros são os fetiches sexuais e as fotos de gatinhos), então, antes que o Elon Musk decida acabar de vez com seu novíssimo brinquedo digital, vou trazer essas imagens pra cá. Com alguma dose de intrepidez, tentarei contextualizar cada diálogo selecionado:

O rei babilônico Hamurabi tornou-se mais conhecido pelo suposto zelo que tinha para com o próprio povo do que pelas suas conquistas e expansões territoriais. De fato, ele gostava tanto de mediar discussões e resolver intrigas entre os cidadãos (uma espécie de Márcia Goldschmidt do Crescente Fértil) que desenvolveu um conjunto de leis em um código exposto em praça pública, com mais de 200 formulações do tipo "Se X acontecer, a consequência deverá ser Y". Essa sistematização legislativa é uma das mais antigas que chegou ao nosso conhecimento, recebendo o nome de Código de Hamurabi.



Qualquer sistema de leis, entretanto, é um reflexo da própria sociedade que o concebe. O Código tem fama de ser violento porque algumas das formulações seguem a lógica da *lex talionis*, isto é, tentam equalizar a ação da consequência (olho por olho). Nas seções em que Hamurabi propõe leis para as dinâmicas familiares e sobre a propriedade, transparecem as formas de organização babilônica baseadas em classes sociais, valendo-se de compensações financeiras para sugerir punições diferenciadas se a pessoa era escravo, mulher, criança etc. Achei que os argumentos apresentados nesse *print* do falecido Orkut tem uma *vibe* meio Idade do Bronze em suas entrelinhas.

Figura que, muitas vezes, passa despercebida entre os pensadores que propuseram críticas ao modo de produção capitalista, Lafargue acaba sendo lembrado principalmente por ter sido genro de Karl Marx: de origem cubana, o então ativista da Associação Internacional dos Trabalhadores casou-se com Laura Marx após sua mudança para Londres e, como era de se esperar, deu muito orgulho ao sogrão.

A obra mais famosa de Lafargue é seu livro-panfleto *O Direito à Preguiça*, publicado em 1880. Seu argumento central é o de que a sociedade vive uma ilusão de amor pelo trabalho. Como uma espécie de "dogma", as pessoas são condicionadas por instituições (principalmente a religião) a acreditarem que trabalhar é algo intrinsecamente bom, e por isso algumas aberrações como a exaustiva jornada de trabalho das fábricas acabam se justificando. Para Lafargue, o trabalho deveria ser repensado: sua centralidade em relação à vida deveria dar lugar ao lazer, a formas mais legais de ocupar o tempo (escrever poesia, caminhar na praia, ficar acordado até tarde secando o mengão).

São Tomás de Aquino corresponde a uma espécie de linhagem de filósofos que se conectam a partir de uma necessidade de assimilar a doutrina cristã ocidental ao neoplatonismo da antiguidade clássica. Isso significa, dentre outras coisas, a necessidade de encontrar argumentos para a existência de Deus e outras tarefas ingratas.

Nesse icônico *print* do zap, me parece que o foco do pai da menina na grafia correta da palavra "Deus" soa um tanto próximo da extensa argumentação de Tomás de Aquino, cujos pressupostos desembocam na ideia de que o mundo sobrenatural (no sentido de estar "acima" da natureza) está sujeito a leis próprias, cuja interpretação depende da fé e não das ciências naturais. *Nunca esqueça disso.*

Estoicos, cínicos e epicuristas foram os pensadores que se estabeleceram após o período helenístico na região da Grécia, isto é, naquela completa zona que se instalou ali após a morte de Alexandre, o Grande. Alguns historiadores atribuem os aspectos principais dessas doutrinas como uma resposta ao "domicídio" que a população grega estava sofrendo: a dispersão de sua população e distanciamento das cidades-estado e seus valores originais.

Nesse contexto, a escola fundada por Epicuro, um autoproclamado "médico das almas", tinha como princípio básico oferecer um tipo de educação voltado para a felicidade, autossatisfação e interpretação positiva da vida. Não há um consenso sobre o que, exatamente, acontecia no Jardim de Epicuro. Há quem defenda, exageradamente, que era uma casa de prazeres, orgias e festas, e há quem diga que era um espaço de aprendizado, uma espécie de comunidade sustentável, artística e de plena satisfação das necessidades físicas. Seja lá como for, Epicuro era um cara que sabia se curtir.

Os sofistas praticavam uma espécie de advocacia misturada com pedagogia, marketing e uma pitadinha assim de malandragem. Eles eram conhecidos na Grécia antiga como uma classe de profissionais itinerantes, que viajavam pelas cidades vendendo seus serviços como articulistas ou professores: contratando um sofista, você poderia pagá-lo para convencer uma autoridade local sobre a importância de aumentar os preços dos produtos que você vendia na praça todas as manhãs, por exemplo. Isso deixou um certo cidadão ateniense um tanto revoltado.

Sócrates tornou-se famoso, pelas palavras de Platão, por perambular pelas ruas enchendo o saco dos transeuntes com perguntas inconvenientes. "Por que você comprou essa coisa? Isso te deixa feliz? Você acha que a felicidade, então, está atrelada ao ato da compra? Você seria feliz se pudesse comprar todas as coisas do mundo?" e assim por diante. Esse "método socrático" baseia-se em pentelhações que visam, sobretudo, a ensinar ao interlocutor sobre a sua própria e fundamental ignorância e tendência a, consequentemente, ser persuadido por sofistas mal-intencionados. Reza a lenda que a população grega ficou tão sacuda com Sócrates que o obrigou a escolher entre parar de importunar as pessoas ou a pena de morte. E foi aí que o filósofo declamou uma das suas mais célebres frases★: *prefiro morrer do que perder a vida…*

A obra de Lippmann definitivamente tem grande peso na história do desenvolvimento do pensamento econômico moderno e nos estudos sobre comunicação e cultura das massas — o que não quer dizer que esse peso seja, necessariamente, benéfico. Tendo publicado seus escritos enquanto testemunhava a fragilidade dos sistemas democráticos europeus, Lippmann entendia que o conceito de "opinião pública" era, na verdade, uma distorção da realidade e que, portanto, não poderia servir como base para sistemas de governo democráticos.

Consequentemente, a filosofia proposta por Lippmann é interpretada como sendo um tanto *elitista*. Não que o nosso colega estudante de Direito seja uma correspondência direta ao que Lippmann esteja propondo, mas, enfim, é o tipo de pensador que essas opiniões equilibradas e nada prepotentes acabam me lembrando.

A resiliência do pensamento marxista se deve, sobretudo, à perspicácia desempenhada pelo barbudão e seus conceitos usados para interpretar as dinâmicas do modo de produção capitalista. Por exemplo, a ideia de *alienação* segue extremamente potente em um mundo caracterizado pelo trabalho cada vez mais segmentado e com profissionais sofrendo precarizações diárias: trabalha-se mais e ganha-se menos, um jogo no qual o real valor do próprio esforço se perde. Dentre os vários campos influenciados pelo marxismo, entretanto, o maior impacto pode ser observado na História: ao propor uma crítica social para o capitalismo, o foco do historiador muda e o tipo de documentação que pode ser considerada como evidência para fatos históricos ganha escopo. Os estudos contemporâneos que centralizam seus olhares, por exemplo, no gênero ou no colonialismo, são grandemente influenciados por Marx.

Ou seja, se você quiser pesquisar a história da construção de um hospital, é interessante considerar não apenas os fatores políticos ou documentos oficiais sobre esse objeto. Quem autoriza a obra e inaugura o prédio tem lá sua importância, mas pesquisar também sobre as condições do trabalho envolvido na construção pode revelar alguns detalhes picantes. Quem eram essas pessoas, de onde elas vieram, o quanto foram pagas, para onde foram depois, quem são seus *grandchildren…*

Poligamia, relacionamentos e métodos para lavar carne de frango estão sempre no topo da categoria Desgraça Mental quando aparecem como tema de discussões no Twitter. Porém, quase todas as brigas seguem uma espécie de roteiro. Alguma celebridade vira notícia, alguém solta um diagnóstico precoce sobre a vida amorosa sendo jogada aos lobos, outra pessoa aparece para dar aquela carteirada fundamental de "não é bem assim" e usa a própria vida para justificar universalmente as mais pontuais e objetivas circunstâncias sobre um evento. O ciclo, embora saturado, trágico e pouco eficaz para produzir reflexões úteis para a vida do cidadão brasileiro, tende a se repetir a cada três dias com extraordinária assiduidade.

Francis Bacon é lembrado como um membro da Trupe do Iluminismo por ter proposto uma espécie de sistemática para formalizar o conhecimento científico. A ideia de "ciência" é um tanto moderna: hoje usamos esse termo para nos referirmos a um conjunto específico de conhecimentos, os quais valem-se de um mesmo "método científico". Segundo Bacon, esse método deveria partir de alguns princípios como a experimentação e a validação por pares. Ou seja, no lugar da evidência anedótica, isto é, dos testemunhos pessoais serem a fonte do conhecimento, eles deveriam dar lugar ao testemunho socialmente compartilhado dos fatos. Por isso, lembre-se de trazer dados estatísticos da próxima vez que for defender o fim da monogamia.

Um dos temas sobre os quais debruçou-se o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard foi o da teodiceia. Argumentos sobre as contradições da natureza de Deus são frequentes desde a antiguidade clássica, quando os sofistas gregos começaram a propor que se os deuses existem, eles deveriam ser feitos de átomos como qualquer coisa no mundo. Em tempos mais recentes, um debate recorrente é sobre a origem do sofrimento. Se o sofrimento existe em um mundo criado por Deus, então ou esse Deus não é onipotente, pois permite que o sofrimento tenha surgido, ou ele é um sádico, pois criou o sofrimento de propósito. Ou, pior ainda: Deus pode não estar nem aí!, ocupado com outras coisas, distraído, jogando Overwatch etc.

A forma que Kierkegaard encontrou para contornar esse questionamento foi propor uma inversão de lógica: o sofrimento existe justamente porque é por meio dele que o ser humano transcende sua temporalidade. É

como se sofrer nos lembrasse que essa vida é momentânea, mas que a recompensa é eterna. O pensamento religioso, para Kierkegaard, seria sofrer e encarar tal sofrimento como a condição paradoxal humana, pois se Deus não existisse, não seria necessário sofrer para lembrar dele. No fundo, a crítica existencialista de Kierkegaard era dirigida à própria Igreja, que vinha perdendo relevância em um mundo cada vez mais secularizado por se distanciar dos verdadeiros propósitos da alma.

Esse clássico da internet não poderia ficar de fora, e eu confesso que não sei se a física newtoniana é a melhor referência para gabaritar a pergunta de Gustavo Leme. De fato, foi Galileu quem anteriormente teria proposto que objetos em queda livre estão sujeitos à mesma aceleração, independente da massa, mas as três leis de Newton são meio que o arroz e feijão dos problemas da física. A pergunta de Gustavo não está bem formulada o suficiente para deixar de ser problemática, mas podemos pressupor que os carros estão um do lado do outro, como se apostando corrida. Então, mantendo a exata mesma velocidade e, desconsiderando o atrito e a resistência do ar, o carro pica (um Citröen Picasso?) e o Celta 2012 ficarão um do lado do outro… eu acho (sou de Humanas).

A história da Filosofia é permeada por intrigas, ataques, dissidências, fofocas e rompimentos. Desta última categoria, um dos casos mais famosos é a completa revolta que alguns dos mais proeminentes estudantes de Heidegger travaram contra o seu mentor. Também pudera: o filósofo alemão acabou se envolvendo com o governo nazista e isso provocou críticas duras de vários nomes que passaram por sua tutela na universidade de Freiburg. Por exemplo: Herbert Marcuse, Hans Jonas e, talvez o caso mais emblemático, Hannah Arendt.

Arendt conseguiu se refugiar nos Estados Unidos durante a Segunda Guerra Mundial. Em solo norte-americano, pôde desenvolver uma série de obras nas quais ponderou sobre política, sistemas de poder e as origens do totalitarismo. Em seu livro *Eichmann em Jerusalém*, Arendt reúne as observações que escreveu ao testemunhar o julgamento de Adolf Eichmann, um burocrata nazista que trabalhou nas operações dos campos de concentração durante o Holocausto. A crítica de Arendt abrange todo o escopo do julgamento, tanto nas táticas usadas pela acusação quanto nas palavras e argumentos usados pela defesa. Em síntese, o que ela aponta pode ser resumido pelo conceito da "banalidade do mal", isto é, uma interpretação dos atos do burocrata como sendo de natureza praticamente mecânica, uma obediência cega aos ideais do partido num contexto de completa ausência de reflexão ou raciocínio crítico. É desta forma que os mais hediondos crimes tornam-se viáveis em um regime totalitário, no qual se dilui a agência das pessoas ao longo de um espectro ideológico mantido pelo fascismo. Denso, complexo e pertinente para quem estuda ética e moral. Um livro bom pra postar no Instagram se você quer mandar indiretas pras pessoas.

A sociologia bourdieusiana desdobra alguns conceitos do marxismo em chaves muito eficazes para compreender como a sociedade contemporânea vem se organizando. Se você tem interesse em compreender fenômenos como as formas simbólicas pelas quais um grupo social se diferencia de outro (por exemplo, pichadores *versus* grafiteiros), talvez uma leitura de Bourdieu lhe ajude a fundamentar algumas ferramentas de análise.

Um dos conceitos que Bourdieu elabora é o de *capital cultural*. O "capital", segundo Marx, se descreve pela acumulação do trabalho, seja ele materializado (moeda, posses, títulos) ou corporificado (força de trabalho). Mas essa acumulação também pode se dar em uma ordem simbólica, ou seja, é possível que uma sociedade crie alguns mecanismos pelos quais a ideia de "cultura" passe a ser vista como algo que pode ser transferido, herdado ou até mesmo aprendido por meio do consumo de coisas específicas, ou de um refinamento da linguagem, ou até mesmo pelo acesso a alguma forma especial de produto midiático. Graças a essa capitalização da cultura, é possível que uma pessoa ache que outra "não tem cultura" se ela não souber onde encontrar os melhores memes da internet (embora todos nós saibamos que trata-se do *Site dos Menes*).

Pabllo Vittar retornou a um tuíte seu de 2012, o qual trazia uma citação de Nietzsche sobre os demônios que habitam dentro de nós, e reagiu a esse tuíte com "Uiiii mds kkkk". Seria possível tirar uma lição filosófica desse momento? Talvez uma menção ao eterno retorno do próprio Nietzsche? Calma lá, tenhamos mais atenção. Assim como Pabllo Vittar, Clément Rosset demarca seu território para pensar o real a partir de uma análise de Nietzsche e de outros filósofos que optaram por um posicionamento não-metafísico para a existência do que aí está.

O que se aceita, portanto, é o caráter *imanente* da vida. Uma postura não-trágica, nesse sentido, seriam as várias formas de negar a realidade que a humanidade, em sua eterna criatividade, encontrou: ideologia, metafísica, religião e outras narrativas ficcionais. O pensamento trágico, conforme *A Lógica do Pior*, é a "ligação entre a alegria de existir e o caráter trágico da existência". Vocês não acham bonito? Eu acho bonito.

O artista Hugo Ball foi o autor do primeiro manifesto dadaísta, em 1916.

⋆ A frase de Sócrates é, na verdade, a seguinte: "A vida não examinada não vale a pena ser vivida pelo homem". A que eu coloquei antes foi proferida por outro filósofo (Chaves).

A maioria desses textos foi elaborada com base em anotações e trechos dos meus cadernos e do Notion, por isso eu não me dediquei a buscar cada referência consultada. Vocês vão ter que confiar em mim.

Entre na fila

voltei a tomar banho de sol. espalho o cabelo todo pelo chão da varanda, abro os braços e pernas até que me fisguem inteira e fecho os olhos. disseram que clareio o verde das íris com elas assim escondidas, mas que não ganho cor no corpo. permito que um rubor surja nisso aqui acima do seio, no alto da maçã do meu rosto e numa só parte do dorso do pé. quando sinto as gotas de suor correndo pela pele, levanto as mãos e encaro elas a escorrer pelos dedos. fico imóvel o máximo que consigo, vez ou outra olhando para o resto de mundo que existe ao redor. a velha que se apoia à janela me distrai um tanto. imagino os pensamentos sobre as pessoas da calçada, sobre os carros rangendo, sobre os cães afoitos que surgem. penso também se as pernas doem, se a coluna incomoda, se a mão treme, se o corpo geme. duvido que seu cheiro não seja fétido, antigo e azedo. tomo rumo outro de reflexões ao escutar música. o som que desce me anima, há funk estourando na televisão da vizinha. e dela eu reconheço o gemido, há duas semanas compartilhou sua madrugada com o prédio. se todos a perceberam, não tenho como saber. mas eu a ouvi nítida, ofegante, satisfeita. agora não emite mais do que pisadas surdas no piso da sala, e eu a agradeço em silêncio. quase a peço, contudo, para aumentar o volume, que desejo me ensurdecer com um barulho que me seja alheio. existe latente uma vontade de me desencontrar, ando passando tempo demais comigo. quero uma outra, com diálogo diferente, com preocupações que não me tenham, com uma lábia que jamais me foi própria. hei de me distrair com alguém. que me tirem do chão ou subam em mim. que me puxem para dançar e gemer feito a que mora aqui em cima. vejo que me olham, de canto de olho noto a garota na sacada. está se debruçando, não se intimida, me encara sem pudor. ela me chama e eu me viro. parece a brilhar e reparo que é o suor que se espalha. acompanho uma das gotas que desce pelo pescoço e para num ponto abaixo do umbigo. e ela fita os meus olhos a cada centímetro que vislumbro de seu corpo. *quer se apaixonar?*, ela pergunta. respondo que não e ela ri. *ia dizer para me dar uma chance*, continua ela. *se eu der*, penso e falo alto, *você garante que eu me apaixono?*, lhe pergunto. *é claro, sei do que sou capaz*. ela se dá um tapinha no peito suado, alarga o sorriso e se apoia ainda mais no parapeito. permito-me ainda mais na minha própria varanda. estendo o braço, com a mão espalmada e digo, *então te dou a chance, por favor faça eu me apaixonar por você*. ela se mostra triunfante. *pergunte por aí, vão dizer que é fácil demais isso*, ela provoca. talvez para os outros seja mesmo. *talvez eles confundam a carência por amor, o tesão por amor, o conforto por amor*, rebato. *e você não confunde?*, respondo que já o fiz. um cachorro nos interrompe e sobe nas pernas dela. dá lambidas onde eu havia pensado em lamber. um afago nas orelhas lhe basta e ele sai disparado para outra parte do apartamento. *serei esforçada, te garanto*, ela complementa. *e eu também*, lhe asseguro. *vai se esforçar em se apaixonar?*, ela questiona. não, isso *não se esforça. é que já cansei de me apaixonar por alguém que não se apaixonou por mim.*

Hans Ulrich Gumbrecht
Tradução de Greicy Pinto Bellin

SOBRE UM ENCONTRO COM UM TAL MICHEL FOUCAULT

O fato de o poder intelectual, tal como o poder na política, funcionar como um potencial de possibilidade e não como um programa intencional de mudança, confirma a diversidade centrífuga dos movimentos de pensamento iniciados por *As palavras e as coisas no meu trabalho*. Não experimentei o autor como o fundador de um ensinamento ou mesmo de um método, mas como a origem de uma energia espiritual. Sem saber, encontrei-me alinhado com a historicização do conceito de autor iniciada pelo próprio Foucault. Nunca surgiram planos de criticar seus pensamentos, pois aquela energia, em vez de marcar posições, sempre apenas abria liberdade para as próximas ideias. Ela me pareceu inesgotável, contagiante e, pelas suas divergências, também agradavelmente distante. Mas, de repente, a energia sem forma transformou-se num encontro pessoal. Se bem me lembro, foi um telefonema de Suhrkamp, em Frankfurt, que me apresentou o plano de Michel Foucault para desenvolver o que ele chamou de "sistema intelectual de alerta precoce". Pouco depois de 1980, ele conquistou a Gallimard, a Einaudi e a Suhrkamp, três editoras no auge do seu brilho intelectual, para a ideia de publicar trabalhos notáveis de estudantes rapidamente e em três línguas, contando com o julgamento de jovens colegas de diferentes países europeus. Juntamente com a eslavista Renate Lachmann, que na época também lecionava em Bochum, eu deveria assumir esta função na Alemanha e vir a Paris para um primeiro encontro o mais rápido possível. Fiquei impressionado com o convite, tão pouco quanto, para citar minha esposa, "a modéstia sempre foi um dos meus problemas". Imaginar que a energia de seus textos deveria agora se materializar na presença de Foucault não deixava sequer espaço para a vã questão de como ele sabia meu nome. Assim que o telefone foi desligado, prometi, numa carta respeitosamente curta em um jornal universitário, que compareceria à sua então atual palestra sobre "Soins de soi-même" no Collège de France durante o mês seguinte de férias semestrais, e logo recebi o endereço de um restaurante vietnamita do bairro junto com um horário de almoço.

Uma vez por semana, logo depois das onze às doze horas, Foucault lia passagens filosoficamente bem elaboradas de um manuscrito datilografado ao vivo e por transmissão de áudio para centenas de ouvintes reunidos em vários salões, de forma clara e sem lapsos de língua. Na mesa em que ele estava sentado havia vários gravadores cujos proprietários se levantavam para virar ou trocar suas fitas. Em vez de se distrair com o movimento, a voz sombria de Foucault fez dele o ritmo da cena institucional. Tal como os textos impressos, esta concretização viva do seu pensamento exigiu a máxima sintonia e atenção até ao momento em que saiu da sala de aula por uma porta lateral, tendo chegado ao objetivo do dia e sem se despedir. Era sabido que o distanciamento era uma das dimensões da figura pública de Foucault.

Apesar de sua comida extremamente boa, há muito que esqueci o nome do restaurante vietnamita. Quando cheguei lá, dez minutos depois do término da palestra, meu primeiro olhar não pôde deixar de ver Michel Foucault em pessoa, o suéter branco de gola alta e a cabeça cuidadosamente raspada confirmavam tanto a impressão de todas as fotografias que então circulavam nas editoras, catálogos e em páginas de recursos. A saudação amigável e formal, o agradecimento pelo meu interesse em seu projeto e o convite para escolher dois pratos do cardápio diferiram apenas ligeiramente em tom da palestra. Então Foucault descreveu mais uma vez o plano acordado com Gallimard, Einaudi e Suhrkamp e pareceu evitar

estritamente o *pathos* pedagógico — que seria óbvio por ocasião de uma devoção ao trabalho estudantil. Ele falou de uma "eficiência intelectual" que "não se pode dar ao luxo de negligenciar". Ele tratou minhas sugestões sobre a logística do processo — o número de trabalhos submetidos por ano, a necessidade de justificativas relevantes, os critérios de decisão sobre publicações — de forma compacta e rotineira, mas também com uma intensidade que me fez ansiar por a realização do plano queria perceber. A parte oficial da conversa terminou antes mesmo do jantar chegar, e senti que era meu dever encontrar outro assunto que não fosse muito particular nem muito acadêmico. Felizmente, em duas visitas à Universidade da Califórnia, Berkeley, no início da década de 1980, ouvi diariamente falar do entusiasmo que os seminários e palestras de Foucault ali haviam encontrado. Perguntei onde ele morava em Berkeley e se, segundo sua experiência, as universidades americanas mereciam sua reputação internacional. Surpreendentemente, Foucault respondeu à primeira das duas questões. "Sem alternativa" escolhe sempre o bairro chamado "Castro" em São Francisco ["le Castro, sans alternativa"] porque lá "experimenta um grau de liberdade que não existe na Europa". Tínhamos encontrado um tom e um fluxo de fala que complementavam várias memórias de um mundo suficientemente distante.

Mais duas vezes nas semanas seguintes, Foucault teve uma hora para conversar na hora do almoço. Ele me incentivou a vir na semana seguinte com minha então esposa, uma psiquiatra cuja admiração eu compartilhava por seus estudos sobre a história do assunto dela. Após a terceira e última conversa, ele se ofereceu para me levar à *École des Hautes Études*, no Boulevard Raspail, em seu VW Scirocco, "o Porsche que ele podia comprar". No carro, perguntei cautelosamente se assistir a uma palestra na minha universidade seria uma opção. "Claro, até porque não há limites de velocidade na Alemanha", foi a resposta meio irônica, que devo ter levado demasiado a sério. Pois no meu exemplar de *As palavras e as coisas* encontrei uma carta de Foucault datada de 8 de dezembro de 1983, endereçada à Universität Gesamthochschule Siegen onde eu lecionava agora, e que tentava explicar por que aparentemente não houve reações a vários convites : "Lorsque vous avez eu l'amabilité de m'inviter à Bochum, j'ai renoncé parce que je me suis senti malade et inapte à affronter une situação que je comprenais assez mal" ["como você gentilmente me convidou para Bochum, eu recusei porque me sentia mal e incapaz de responder a uma situação que mal compreendia"]. Não fica claro nesta redação se Foucault se referia a sugestões de visita a Bochum com a formulação da "situação que mal compreendia" ou à falta de diagnóstico para a sua "sensação de doença". Em 25 de junho de 1984, Michel Foucault morreu em Paris aos 57 anos, segundo os seus biógrafos, como uma das últimas vítimas de AIDS de destaque internacional que não tinha certeza médica sobre a causa da sua morte. O projeto de um "sistema de alerta precoce intelectual" ao qual devo os três encontros com Foucault não lhe sobreviveu, e o convite "às vitórias" que anunciei ao meu amigo Karl Ludwig Pfeiffer na margem esquerda da carta de 8 de dezembro deve chegar atrasado de qualquer maneira.

UM MANIFESTO

cZara: fast Russia, slow fashion

A cZara [Цáра] chegou mais rápido que Lênin em 1917. A cZara acredita na Guerra Fria e mais ainda na Guerra Quente. Aqui, de fato, a gente revoluciona a moda sustentável — mas revoluciona mesmo, literalmente, não do tipo "fio egípcio e frete rápido". F***-se o frete, camarada; você sabe o que é andar de cabriolet na neve? Pois a gente sabe e trouxe um pouco dessa experiência para vocês, consumidores ocidentais mimados e ingratos que só querem vantagens. Conheça nosso manifesto:

I. Operários de verdade: aqui não tem essa de fábrica de suor, briga no tapete da fábrica ou atelier de miséria. Na cZara, cada trabalhador é um imperador, um McQueen, se você preferir comparações com *eles*. Todas as decisões de produção são coletivas, o que tende a gerar alguns quebra-paus — adoramos essa intensidade, que se reflete na marca cZara (inclusive teve uma peça com o que "parecia sangue"e, bom, …). Também costuma acarretar uma ou outra estampa indesejada (e não licenciada) do Corinthians. Alguns produtos se resolvem em grandes discursos; outros, queimando carros. Entendemos que é na contradição e no confronto físico que surgem as melhores ideias. Atrasamos na confecção, na modelagem e na entrega, mas compensamos no preço. Não quer pagar? Tá tudo bem, o mercado é livre. Ha-ha-ha-ha [*laughs in Russian*], é sim, é sim. Eu vou te pegar, Nicolauzinho, seu lixo.

II. Sustentabilidade: tudo que a gente produz vai pra algum lugar, e depois de ir pra esse lugar, volta pra outro lugar e vira roupa (alguma coisa assim). Não desperdiçamos nada. NADA! O valor está no suor, e o suor está embutido no valor. Não venha reclamar que suamos muito, pequeno ditador que prefere a Shopee.

III. Fetichismo de mercadoria: condenamos. Odiamos. Executamos. Se a gente perceber patricinha da Zona Zul divulgando a cZara em vídeos de look "aiiii descobri essa brusinha no brechó da Babi" e nossos preços subindo, agimos. A única influência que aceitamos é a dos belos flocos de gelo do inverno siberiano (vide item IV). Não tememos inflação ou infração alguma.

IV. siber.IA: nosso app não dá desconto, não acumula pontos, não tem *cashback* (*возвра́т*) e não oferece frete grátis. Mas te mantém na linha — quando funciona. A experiência pode ser ruim, seu verminho do capital, mas o Ocidente inteiro também é. Achou ruim? Fecha o celular e vai tocar na neve. Ah, não tem neve? PASPALHO!!! Velhaco insolente. Como ousa?

V. Inclusividade: menchevique? Nada disso; nossa gestão é womenchevique! Aqui na cZara, quem pisa de coturno sujo no seu vestido floral Feodorovna são nossas guerreiras, que blá blá blá etc. Menchevique, pô? Achou que a gente ia dar um mole desses por uma piadinha? Aqui é *bolshevik* do dedo congelado ao último fio de cabelo, seu *kulebyaka* azedo. Tá acordado, Nicolau? Eu vou te moer e te entregar pro Dmitriy, nosso husky.

VI. Seu corpo, minhas regras: vestir cZara é um compromisso — ou estilo de vida, se você, cérebro ocidental atrofiado por Black Fridays, Saldão de Estoque e McDonald's, assim preferir. Existe um código de conduta (moral, ideológico, comportamental) envolvido nessa experiência, que, por sinal, nos recusamos a chamar de experiência, outro termo já commoditizado. Regulamos nossos clientes. Não aprova? Atrapalha seus direitos? Chama o Procon; nossa sede é nas Ilhas Cayman — quem disse que o capital não serve pra nada? Nossos advogados são os melhores contra playboy fã de subir em montanha, até porque eles têm os mesmos sobrenomes — o que atesta a qualidade do Direito praticado em nossas vestes e peles (e na de nossos animais. Vide item ao lado).

VII. Animais do mundo, uni-vos!: a cZara não é favorável à exploração de animais para o uso indiscriminado de humanos. Animais são família, e você iria gostar da pele da sua avó no corpo esguio e sedutor da nossa modelo Yelizaveta Sokolova? Aqui, esperamos os animais morrerem naturalmente em nossas confortáveis fazendas metropolitanas confiscadas e coletivizadas pela Revolução de Outubro, respeitando o ciclo da natureza e da moda verão-inverno. É importante ressaltar que os animais que se suicidam passam por um processo de luto por parte de nossos estilistas, que realizam a tradicional solenidade intitulada "Troca de Chapéus de Pele". Infelizmente, se você deparar com um chapéu que *pareça* ainda estar vivo, a culpa é do tio Sergei, que mexe com umas coisas de paranormalidade. Daremos um jeito nas crenças dele – e nas suas, se você quiser.

Aguardamos ansiosamente sua compra impulsiva e seu dinheiro desprezível.

До скорого,

Time da cZara

E N C L A V E
a newsletter do Jornal **RelevO**

Assine e receba de graça em seu e-mail:
<https://jornalrelevo.com/enclave>

Sobre comprar, acumular e abandonar livros

Mantemos relações bastantes distintas com livros.

Alguns conservam grandes acervos de itens lidos e/ou não lidos. Outros compram apenas o que leem, então repassam. Alguns preferem a praticidade e a versatilidade da leitura digital. Outros – os mais cafonas em um mundo já dominado pela breguice – compram livros apenas para decoração. Essas estratégias não são autoexcludentes, muito menos definitivas para toda uma vida.

Da mesma forma, a leitura em si é um ato cuja ordem proporciona múltiplas decisões. Isto é, alguns mantêm listas fechadas para os próximos 76 anos; outros são mais espontâneos; alguns caçam por métodos próprios, outros confiam em recomendações de confiança.

Por fim, outra grande variável no que tange à leitura é o abandono dos livros. Podemos demonstrar graus muito variados de resistência, a depender da nossa expectativa, do desprazer e do orgulho envolvido[1].

Com isso em mente, vamos partir de três perguntas:

- Qual é a sua lógica para comprar livros? (Aliás, físicos ou digitais?)
- Você tem uma ordem de leitura predefinida? (O que te faz furar a fila?)
- Quão persistente você é diante de um livro que não te agrada? (O que te leva a abandonar um livro?)

Nesta **Enclave**, tentaremos dissertar sobre alguns métodos e lógicas pessoais, apenas pela diversão do relato. Para tanto, contamos com o auxílio de dois grandes colaboradores do **RelevO**: **Marceli Mengarda** e **Bolívar Escobar**. Escolhemos esses dois indivíduos porque, além de leitores experientes e indivíduos atentos ao mercado editorial, porque... porque... bom, porque a essa altura eles são nossos únicos amigos...

Sobre (anti)bibliotecas

Aqui, vamos partir de um trecho de **Nassim Taleb**, em referência a **Umberto Eco**, n'*A Lógica do Cisne Negro* (2007):

> *O escritor Umberto Eco pertence àquela classe restrita de acadêmicos que são enciclopédicos, perceptivos e nada entediantes. Ele é dono de uma vasta biblioteca pessoal (que contém cerca de 30 mil livros) e divide os visitantes em duas categorias: os que reagem com: "Uau! Signore professore dottore Eco, que biblioteca o senhor tem! Quantos desses livros o senhor já leu?", e os outros — uma minoria muito pequena — que entendem que uma biblioteca particular não é um apêndice para elevar o próprio ego, e sim uma ferramenta de pesquisa. Livros lidos são muito menos valiosos que os não lidos. A biblioteca deve conter tanto das coisas que você não sabe quanto seus recursos financeiros, taxas hipotecárias e o atualmente restrito mercado de imóveis lhe permitam colocar nela. Você acumulará mais conhecimento e mais livros à medida que for envelhecendo, e o número crescente de livros não lidos nas prateleiras olhará para você ameaçadoramente. Na verdade, quanto mais você souber, maiores serão as pilhas de livros não lidos. Vamos chamar essa coleção de livros não lidos de antibiblioteca.*

Usamos o trecho em questão como ponto de partida porque obedecemos (isto é, este editor, especificamente, obedece) a uma lógica semelhante. Afinal, não consigo atender à ideia de comprar apenas o que tenho certeza de que lerei – ou ao menos no curto e médio prazos.

Inclusive, isso tende a trazer problemas, uma vez que podemos entender o ato de comprar livros como estressante a partir de dois (ou três) vieses:

> 1 **Financeiro:** bom, comprar – livros ou qualquer outra coisa – custa dinheiro. Se seu dinheiro é finito, como acreditamos que seja, é preciso fazer escolhas.
> 2 **Espacial:** livros demandam capacidade de armazenamento e, a partir do momento que você não a tem, qualquer aquisição se torna estressante. Se seu espaço também é finito, como também acreditamos que seja, é preciso fazer mais escolhas.
> 3 **Metafísico (bônus!):** se você compra um livro e não o lê, sua consciência pode arder ao cruzar o olhar com uma lombada nunca aberta, um plástico nunca removido, e assim por diante. Pode haver um rebote dos outros dois problemas: se não li, por que diabos gastei dinheiro e espaço?

Minha lógica de compra e acúmulo de livros é mais ou menos a seguinte: ajo ao mesmo tempo como um olheiro e diretor de clube de futebol, se livros fossem jogadores, se o tamanho do elenco não fosse um problema e, por fim, se jogadores não envelhecessem nem fossem únicos (isto é, se houvesse toda uma tiragem de Haalands no mundo e tanto o clube Eu como o clube Você pudéssemos ter um ou vários Haalands e Mbappés no elenco).

Essa explicação certamente não ajuda muito, a não ser uma óptica bastante específica e talvez deturpada de funcionamento de mundo. Mas o ponto é – não, pera lá, os pontos são:

> 1 Expandir constantemente a lista de "livros de interesse", isto é, aqueles que pretendo [acredito que vou] ler *algum dia*.
> 2 Monitorar preços (listas em Amazon, Estante Virtual e sebos específicos, basicamente).
> 3 Comprar diante de preços abaixo da média ou oportunidades raras (edições antigas que, se esgotarem, já era, ou ao menos vão encarecer a ponto de inviabilizar).
> 4 Furar a fila diante de grandes descobertas ou urgências de interesse ("isso eu preciso ler *agora*").

Em suma, se *em algum momento* sei (ou acredito com alguma convicção) que vou ler X, mas *neste momento* X se encontra em um ótimo preço (ou parece realmente próximo de esgotar, afinal a quantidade de Haalands, mesmo maior que no futebol, ainda é finita), compro sem dó. Nem que leve anos para eu abri-lo – já passei da fase de dor na consciência. Aqui não tem metafísica alguma.

- Um exemplo recente: comprei ***Heat 2***, de **Michael Mann** e **Meg Gardiner**, continuação do filme que tanto adoro. Quando vou ler? Sei lá, mas o preço em algum momento diminuiu e sei que eventualmente vou ler.
- Sob a mesma lógica, não hesitei nem por um segundo quando encontrei, ano passado, NA LIXEIRA DA GARAGEM, a coleção COMPLETA (50 volumes!), capa dura, de Imortais da Literatura Universal da Abril Cultural. Precisei reorganizar a estante, mas não tenho dúvidas de que valeu a pena. Se até o momento li 10% deles, pouco importa. A assimetria é muito favorável – trata-se de clássicos, afinal, então tenho o efeito Lindy a meu favor –, principalmente levando em conta o custo zero.

No lixo! No lixo!!!

Vejamos as constatações de nossos amigos:

> **Qual é a sua lógica para comprar livros? (Aliás, físicos ou digitais?)**
>
> **Marceli:** Em geral, vou pela autoria (quero ler alguém e aí procuro a obra que seja mais representativa) e, em alguns casos, pela editora (por exemplo, confio na linha editorial da Todavia porque costumo gostar de tudo que leio deles, aí compro mesmo que desconheça o autor); mas também acontece de seguir indicações de amigos (normalmente, as situações em que furo a fila, a depender de quão efusiva seja a recomendação ou de quanto eu confie na pessoa). É comum também ler o livro baixado no Kindle e mesmo assim querer ter a cópia física e comprá-la depois (também posso comprar um livro principalmente porque ele é bonito, ou tem uma capa bonita).
> **Bolívar:** Acho importante diferenciar as motivações para comprar e para ler. O que mais me motiva a ler um livro é quando pessoas de grupos diferentes de amigos me recomendam o mesmo título. É quase um sistema: se um livro marca três pontos, então é porque preciso ler. Já para comprar, acho que a principal motivação é conhecer o(a) autor(a) e querer fortalecer a iniciativa. Ocasiões especialíssimas são os livros desses dois universos se encontrando.

Listas, ordem, progressão linear

Assim, adentramos em outro tópico: como organizar a ordem de leitura? Do lado de cá, essa lógica é bem mais variável, uma vez que está sempre sujeita a descobertas acidentais. É como jazz, exceto por não envolver técnica ou talento. Em cima de um tema, vario conforme acidentes do dia a dia (ter lido, escutado ou assistido alguma coisa que despertou interesse em outro assunto), então viro a chave completamente, num processo helicoidal que eventualmente volta ao ponto de onde partiu.

Isso acontece organicamente. Um exemplo real: entre idas e vindas, Hong Kong é por si só um tema de interesse. Procurei narrativas que se passam lá, vasculhei e comprei – gradativamente, não ao mesmo tempo – tantos livros relacionados. Li alguns, abandonei outros, não abri os demais. Recentemente, me interessei de novo pelo tema e comecei ***Tai-Pan*** (1967), de **James Clavell** (por sinal, fantástico). Daqui a pouco, naturalmente, por cansaço ou pelo despertar/relembrar de algum outro tópico, o interesse retorna para "Guerra Fria", "detetives dos anos 1940", "ficção científica", "Brasil colonial" etc., e assim a roda vai girando.

Nesse aspecto, nossa lógica e a de nossos amigos parece convergir:

> **Você tem uma ordem de leitura predefinida? (O que te faz furar a fila?)**
>
> **Marceli:** Tenho sempre uma pilha de livros que pretendo ler, mas não tenho muito sistema com eles – pode acontecer de ele ficar ali na estante por anos e pegá-lo aleatoriamente pra ler (ou, menos aleatoriamente e mais por uma vibe inexplicável, tipo sentir que chegou a hora de ler tal coisa). Mas se tem um lançamento legal ou se eu comprei algo, é comum furar a fila e mesmo pausar algo que eu esteja lendo pra passar o outro na frente. Acho que, nos últimos anos, engajar num livro e não ter vontade de olhar o celular é tão raro que, quando acontece, eu me emociono muito e quero aproveitar a onda. E também rola de eu começar a ler algum autor e empolgar e emendar dois ou três outros livros dele.
> **Bolívar:** A vida acadêmica faz a gente se embrenhar em leituras muito mais por obrigação do que por liberdade de escolha. Tenho uma lista ancestral de livros no GoodReads que gostaria de ler algum dia, mas que nunca volto pra consultar. No geral, o que acontece é receber alguma recomendação e já, sem pensar muito, começar a leitura. Tenho alguns autores de interesse também cujos livros vou deixando no radar para começar quando sobrar tempo. Ou quando a vergonha na cara atingir níveis muito altos. Em resumo, é um sistema bastante volátil, aleatório e pouco previsível.

Largar ou não?

Abandonar um livro traz uma culpa moral, uma sensação de farsa. A presunção "o problema só pode ser eu" banhada na estranha sacralidade da palavra escrita ou da consagração do(a) autor(a). Além da dúvida: se abandonei um livro de 500 páginas na centésima delas, posso dizer que eu o *li*? Vaidade de vaidades![2]

Pois livros devem ser abandonados sem dó. O famoso "cagar ou sair da moita". Não vale se arrastar. Nunca. Isto é, a partir de uma tentativa honesta – e apenas o leitor, em sua prática, saberá discernir o que é uma tentativa honesta. Só no segundo semestre, abandonei *A Identidade Bourne* (Robert Ludlum); *Kowloon Tong* (Paul Theroux); *Da Rússia, Com Amor* (Ian Fleming); e *O Alfaiate do Panamá* (John le Carré). Somente o último trouxe algum peso na consciência, por gostar do autor e por não ter considerado o romance propriamente ruim, apenas desinteressante para mim, no momento, diante de outro problema seríssimo, e na verdade ponto nevrálgico do abandono de livros: nosso tempo é escasso.

A vida é muito curta para não gostar dos livros que se lê, uma vez que há um universo gigantesco (na prática, infinito) de opções que nos tragam prazer (nem que um prazer desconfortável, angustiante, mas que, enfim, valide a atividade da leitura). Simplesmente não vale a pena. (Inclusive, se eu não tivesse decidido largar sem dó alguns dos romances mencionados, não teria iniciado *Tai-Pan* a tempo de levá-lo para uma viagem de 18 dias, o que literalmente faria minha vida pior).

Tenho certeza de que li Stanley Kubrick defender o abandono veloz de livros que não cativaram o leitor. Acredito com alguma convicção que essa fala consta no *Conversas com Kubrick* (que não abandonei), de Michel Ciment, mas, ironicamente, não o tenho em mãos, porque este ficou na casa dos meus pais desde que saí de lá, há uns bons anos, a fim de poupar espaço.[3]

Curiosamente, nossa amiga Marceli Burocrata não concorda com essa lógica: "nunca desgosto a ponto de querer abandonar de vez; sempre dou chance até o final mesmo que seja para falar mal depois". Marceli está *errada*. Não se deve dar chances até o final: é preciso falar mal do livro antes. Inclusive, em alguns casos, antes mesmo de abrir! Quem dera eu nunca tivesse lido [dois terços de] *Da Rússia, Com Amor*...

Já Bolívar, que abandonou *Graça Infinita*, afirma que precisa "começar a abandonar mais livros para ver se algum padrão pode ser detectado", portanto sua resposta não ajudou em *nada*. Brincadeira. Ambas as respostas foram mais complexas que o recorte sujo da mídia enclávica:

> **Quão persistente você é diante de um livro que não te agrada? (O que te leva a abandonar um livro?)**
>
> **Marceli:** Em geral, é quando outro livro fura a fila mesmo; mas procuro voltar e terminar, não gosto muito de deixar livro abandonado (e acho que tem a questão também de eu sempre pegar livros que me interessam pra ler, aí nunca desgosto a ponto de querer abandonar de vez, sempre dou chance até o final mesmo que seja para falar mal depois).
> **Bolívar:** Não sinto como se eu tivesse um "gatilho" ou coisa do tipo que me faça desistir de livros. Quando acontece é por uma convergência de motivos. Por exemplo, comecei a ler *Graça Infinita*, o tijolão do D.F.W. em 2015 e está lá parado na página 200 até hoje. A sensação foi que eu estava começando uma leitura para a qual não estava preparado. A mesma coisa com *O Pêndulo de Foucault*, do Eco. Teve outros casos, mas não lembro agora. Preciso começar a abandonar mais livros para ver se algum padrão pode ser detectado.

Essas foram as nossas considerações sobre comprar, acumular e abandonar livros. Entre galhofas e modelos mentais possivelmente replicáveis, também queremos saber a sua opinião, principalmente se você for um metódica compulsivo, uma acumuladora caótica ou um absoluto desapegado.

---

[1] Sempre me pego pensando em como a literatura é uma arte ativa, ao contrário da televisão e do cinema (ou do rádio/podcast). É natural que ela nos exija mais, afinal o avanço da experiência depende do nosso envolvimento. Nas telas, podemos apenas sentar e esperar, em que pese o risco de dormir. Contraintuitivamente, nesse aspecto, a arte que mais se aproxima da literatura é o videogame (ou literatura ergódica).

[2] E os direitos do leitor de Daniel Pennac?

[3] E se eu estiver blefando??? Juro que não. Provavelmente não. Tanto faz também; Kubrick sequer é um argumento de autoridade neste caso, e sim uma curiosidade. (Tanto faz não, não estou inventando!).

Maria Joanna

Menina, devorando

No estágio embrionário, o ser assume a forma d'um canino
Pronto para lacerar os membros carnosos de um ser vivo:
As infinitas artérias, o sangue morno que corre livoroso
Nos filetes de seda e renda que formam o plexo ferino

Pois com a língua nua e virgem ornada por pérolas dormidas
No cerne de uma ostra imaculável, límpida, transluzente,
O amor dá-lhe à boca tímida um gosto levemente pungente
Se ele prova do ouropel pensando-o fruto do toque de Midas

De longe avista-se a incauta menina roubando flores
Para aformosear os longos e sedosos cabelos das sereias,
Mas cada vez que impiedosamente arranca dos Campos Elísios
O pedicelo dos amarantos, Ártemis inflige-lhe as dores

E o fardo de ser mais do que uma simples menina, devorando
O véu nacarado que possui um aroma inebriante e adocicado
Ela percebeu que mesmo depois de despertar de seu sono,
Continua a sonhar com navalhas aceradas transpassando

O tecido da pele em uma corrente intramuscular de dor
Se o caudal de tormento percorre lúcido o imo como a lua
Refletida na água que aflui às lôbregas ourelas d'uma floresta;
Em uma sépala, o corpo de uma fada descansa em orvalho e langor

Ela banhar-se-á na limpidez quando for d'encontro ao revérbero
Presente no bosque confim ao lago, mas antes ela terá de cruzar
Os dias, as noites, os meses e os anos, para que no final do caminho
A sua tepidez tenha dissolvido e ela possa matar o tricéfalo Cérbero

O monstro finalmente morreu, mas de sua calcinada ossada
Nasceu um ser que era vigilante de si mesmo, um voyeur
Do seu próprio, e particularmente impuro, sofrimento:
O monstro finalmente morreu, mas a sua ira foi herdada.

Já imaginou se a cena mais famosa pintada por Debret ganhasse movimento?

E se Debret adotasse como discípulo um escravizado retratado por ele?

Não é curioso que recentemente o primeiro imperador havido nestas terras do Pau-Brasil
tenha sido exumado para o deleite de quem tenha curiosidade de conhecer seus ossos e
vestes fúnebres?

Flávio Sanso, autor do livro Viva Ludovico, lança o romance "A boa lição" (leia rápido, repetidamente e perceba o efeito), em que as divagações acima se entrelaçam em uma
narrativa que mistura fatos históricos e ficção.

Sinopse e link para compra no site flaviosanso.com

Mylena Queiroz

RECADEIROS DA TERRA:
pensar em confluência a partir da caatinga

Eu dialogo com o prefácio de Viveiros de Castro da obra *A queda do céu* ao pensar aqui Nego Bispo e Antônio Conselheiro como recadeiros da terra. O título do prefácio *O recado da Mata* dialoga com a narrativa do autor Guimarães Rosa, intitulada *O Recado do Morro*, na qual uma comitiva de sete pessoas segue viagem para conhecer a fundo uma pequena cidade no coração de Minas Gerais e o Morro, personagem fundamental da narrativa, envia uma mensagem primeiramente a um ermitão, o qual passará a mensagem a outro homem, que passará a outro, e em conjunto o recado do morro vai sendo dado, isso porque os recadeiros se colocam em pé de igualdade — com o morro e entre si.

Em *A terra quer, a terra dá* (2023), Nego Bispo chama de confluência essa interação sem querer tão somente exercer influência sobre o outro, numa posição hierárquica de saberes, inclusive porque, para o pensador, esse lugar historicamente sempre foi daqueles que colonizaram e colonizam terras e corpos alheios. Da Caatinga, o Mestre quilombola reivindica essa interação com a terra como envolvimento comum aos integrantes de Comunidades Tradicionais.

A caatinga. Recadeiros em confluência

O bioma exclusivamente brasileiro nos interessa aqui como esse local não apenas de onde escreve Nego Bispo, como pela atenção que ele convoca ao pensar essa Mata Branca, do tupi-guarani *ka'a [mata] + tinga [branca]*. Em *A terra quer, a terra dá*, Bispo se coloca como integrante de povos de *envolvimento*, fazendo oposição ao termo "desenvolvimento", muitas vezes apontado como justificativa para invasão de terras, superexploração, desmatamento e expulsão de moradores locais, isto é, um colonialismo atualizado. Colonialismo dos seres, das matas, dos biomas.

Nascido e criado na Caatinga, ele diz que, em espaços em que os saberes em confluência são menos aceitos, Caatinga significa quase que automaticamente seca, morte, sofrimento e ignorância. Dito isso, a obra de Nego Bispo se trata de uma "relatoria" sobre o contracolonialismo, no sentido de atentar para a biointeração dos seres, para o saber orgânico, para o pensamento circular, para a confluência.

E para a cosmofobia. A matança generalizada conhecida como colonização, no Brasil, recebe "aval" por escrito, com a Carta de Pero Vaz de Caminha, para que se inicie com o processo de catequização dos povos que existiam na terra brasilis. A visão eurocristã monoteísta, então, é a motivadora do terrorismo religioso, a cosmofobia, o medo do cosmos, medo do *Outro*, medo de outras narrativas e cosmogonias.

A literatura panfletária sobre recadeiros da terra: passagens pelos Sertões

O termo "Literatura Panfletária" é relativamente comum, no Brasil, nos círculos acadêmicos e de crítica literária, para se carimbar literaturas que, utilizando o conceito de panfleto, se apresentam como "materiais promocionais que levam informações importantes, de forma simples e direta". Penso aqui certa ironia: o termo é basicamente restrito a produções literárias contemporâneas, como maneira pejorativa de apontar, quase que sem qualquer cuidado, obras de autores/autoras integrantes de grupos minoritários como meros panfletos.

E aí, passemos para o caso *Os Sertões*. Publicada em 1902, considero tal obra a literatura panfletária mais danosa da nossa produção cultural sobre a Caatinga brasileira. O militar Euclides da Cunha, em conhecimento da "Campanha de Canudos" (1896-1897), local situado no interior da Bahia, dirige-se a cobrir o conflito que se armava contra os sertanejos em seu arraial[1]. Aponta-se que cerca de 25 mil pessoas foram executadas em Canudos por parte do Exército brasileiro. A tese de Euclides para o "conflito" justifica a matança: o líder Antônio Conselheiro estaria formando um poderoso foco de restauração da monarquia; além disso,

[1] Termo que pode significar tanto "lugarejo provisório" como local de "festividades com músicas populares"

tratou-se de uma disputa contra o sertão arcaico e famélico.

A luta pelo direito à terra, contra a opressão, pela abolição das estruturas latifundiárias, para citar apenas essas, não integra sua abordagem, criando uma História Oficial que desconsidera a base do movimento conselheirista.

Em suas três semanas no local, Euclides publicou este que é apontado por diversos livros didáticos como um dos mais importantes marcos da literatura brasileira do século passado. Com base nele, foram publicadas obras por todo o mundo, como *A Brazilian Mystic*, de R. B. Graham; *Le Mage du Sertão*, de Lucien Marchal e *A Guerra do Fim do Mundo*, 1980, do escritor peruano Mario Vargas Llosa, para citar apenas essas.

Ainda: o termo favela surge por causa de Canudos. Em *Os Sertões* surgem as ditas primeiras associações entre agrupamento de pessoas em vulnerabilidade social e a palavra Favela. Com mais de 80 registros, é possível ler, na obra, trechos como "Do topo da *Favela*, se a prumo dardejava o sol e a atmosfera estagnada imobilizava a natureza em torno, atentando-se para os descambados, ao longe, não se distinguia o solo" (CUNHA, 2003, p. 18,).

A planta que nomeou o morro da Favela, típica vegetação rasteira do interior dos estados do Nordeste, de Minas e de Tocantins, dentre outros, dá nome hoje a um conceito complexo que parece interessar muitos estrangeiros, como as *Favelas do Rio de Janeiro* — ouso dizer aqui que de maneira muito una e muito mais rasteira que a planta.

Na parte denominada "O Homem", em *Os Sertões*, lemos uma série de descrições físicas dos caatingueiros, as quais, na narratologia, chamamos de personagens planas, justamente por falta de associações mais profundas, mais complexas, de atenção ao contexto sociopolítico, sociocultural e de tensões psicológicas como chamando o homem sertanejo de "Hércules-Quasímodo". Mas o sertanejo caatingueiro é, antes de tudo, um recadeiro da terra.

No Brasil, a leguminosa Favela também é motivo de promoção de inclusão de pequenos agricultores, inclusive porque dela se extraem substâncias utilizadas no tratamento de glaucoma e outros tipos de doenças. E isso me parece uma bela metáfora contra o Uno, e sobre as possibilidades das comunidades e seus modos de sobrevivência, sem espaço nem tempo para romantizações.

Aos fins: os pensamentos contrapanfletários dos recadeiros da Terra

Antônio, de Canudos, ganhou a alcunha de Conselheiro por sua atuação como líder espiritual e político de uma comunidade formada por pessoas que haviam fugido para não serem escravizadas, por trabalhadores explorados, por sertanejos e por indígenas sem direito a terras. É possível, sob a perspectiva de Bispo, pensar que a cosmofobia foi uma das motivadoras para o massacre, visto que marcaram socialmente Antônio Conselheiro como fanático religioso, pela percepção comunitária da vida.

O fim do mundo para os que viviam em Canudos chegou como matança por defesa dos interesses dos latifundiários, em detrimento daqueles que viviam em promoção de viver da terra. O tema de viver em coletivo com a terra sem que o outro passe fome é recorrente nas falas de Nego Bispo. Como defendido em *A Reinvenção do Sertão* (2018), também era algo que se vivia no Conselheirismo.

Os pensamentos orgânicos de Conselheiro e Nego Bispo nos dão os recados da Mata Branca, mas também nos colocam contra a parede para refletirmos sobre nossos olhares, nossas palavras, nossas cosmofobias, nossas influências limitadas e limitadoras, que inclusive enquanto acadêmicos, professores e artistas insistimos em perpetuar.

Referências

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

RATTS, Alex (Org.). **Beatriz Nascimento**: Uma história feita por mãos negras. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

ROSA, João Guimarães. **No Urubuquaquá, no Pinhém**. 9.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra quer, a terra dá**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

você tem um ***livro de poesia?***

nós temos seus ***leitores***

envie um email para

contato@faziapoesia.com.br

e inclua sua obra nos canais do portal Fazia Poesia

Lucio Carvalho

COMO ABRIR A SUA PRÓPRIA CAIXA QUÂNTICA DE TALENTOS?

Tenho lido em diversas publicações culturais (menos o **RelevO**, que felizmente nunca teve dessas coisas) dicas e conselhos de maior e menor relevância para novos autores de ficção. Normalmente, são provenientes da benemerência de escritores consagrados, publicados, premiados, reeditados e até mesmo multitraduzidos. Em sua maioria, são conselhos autoconsiderados e reputados como "indispensáveis". Penso que boa parte deles pode-se seguir tranquilamente, mas, se isso resultará em algo produtivo, reservo-me ao direito de não saber. Como nunca as testei, eu realmente não sei. Siga-as e confirme isso (ou não) quem achar que deve.

Nada disso altera o fato, todavia, de que eu mesmo tenha elaborado meus próprios conselhos. E apesar de nunca ter sido indagado antes a esse respeito e sabendo correr o risco de que possa parecer apenas um laivo de magnânima soberba, ressalto que, na verdade, trata-se de uma alternativa forjada a duras penas… Muito refleti antes de sistematizar os meus conselhos porque, afinal, sabe-se que conselho é de graça e diz a voz do povo que, por isso mesmo, se fosse bom seria é vendido. Com os meus não poderia ser diferente. São de graça e bastante duvidosos, como se verá a seguir. É um risco segui-los, mas quem sabe não servirão para abrir a caixa quântica de talentos que cada pretendente a escriba confabula consigo mesmo?

Sem mais demora, por itens, a fim de facilitar a assimilação dos interessados, vamos ao que segue:

1) personagens;

vai gastar seu tempo precioso pensando na personalidade humana? Bobagem. Simplesmente vá escrevendo. Sendo um gênio da literatura, as melhores decisões se abrirão como o Mar Vermelho abriu-se para Moisés. Recomendo, inclusive, que procure não se ater muito aos detalhes psicológicos dos personagens. Se ele começou esfuziante e entusiasmado com a geopolítica mundial, por exemplo, transformá-lo em um cético ou em um ativista xenófobo não é um problema de monta, talvez nem de coerência. Despreocupe-se! Pior seria se ele tivesse mudado de gênero no decorrer da história, e não estou pensando em identidade de gênero nem em procedimentos médicos, o que diga-se de passagem seria perfeitamente compreensível, mas esquecimento mesmo. Como se você tivesse começado com "Maria" e na página 114 transformando-a sem maiores explicações em "Mario". Veja bem que, mesmo nestes casos, pode-se tentar consertar a problemática. Dependendo do público a que se destina, é possível que boa parte nem perceba essa transformação. Então, considere simplesmente deixar quieto. Às vezes funciona.

Ainda sobre personagens, aconselharia (tenho feito isso a mim mesmo) a não perder tempo com muitos personagens. Um só pode ser o suficiente, porque ninguém mais se importa com o egocentrismo, que é um atributo desejável até, em certa medida. Aliás, pode ser uma fonte de identificação das melhores. Se o livro for ilustrado ou você está pensando em um e-book, por exemplo, cogite ilustrá-lo com selfies. Jornadas pessoais sempre interessam, principalmente se marcadas pela glória da superação dos limites. Personagens derrotistas nem pensar, nem derrotados pelo "sistema". Já tivemos muito disso no mundo com os beatniks. Uma época superada por essa nova, hi-tech e triunfante. Por outro lado, caso tenha-se em vista um público mais intelectualizado, uma certa depressão pode ser bem vinda, assim como um clima noturno, noir. Pode até exagerar, sem problemas (há quem creia que, quanto mais noir, maior a chance de virar cult). Se não quiser mover o personagem nem do quarto de dormir, ok. Mas lembre-se: viagens cheias de fotos são sempre mais propensas ao sucesso, especialmente se algum aprendizado supremo advir da trajetória.

Gente muito simples, corriqueira, não se esqueça disso, vende mal e não conquista prêmios. Então, entre um padeiro e um senador, você já sabe qual deve escolher. Acho que dá para o começo sobre personagens. Vamos diretamente, então, ao ponto de vista.

2) ponto de vista;

o ponto de vista é uma questão, como se sabe, de livre escolha. Tanto faz! Se você acreditar que o ponto de vista de um gato ou de uma mesa é o suficiente para começar, mãos à obra! Múltiplos pontos de vista também são usuais. É possível também alternar a voz narrativa e o tempo narrativo. Utilizar as técnicas concomitantemente pode render um longo trabalho mental. É recomendável, portanto, verificar as próprias condições mentais previamente. Gerar alguma confusão no leitor também é garantia de que ele gaste mais tempo tentando entender o texto do que o contexto. Tratando-se do ponto de vista de uma mesa, pode ser uma solução interessante. É impactante, mas lembre-se sempre você mesmo do que estava pensando ao tomar a decisão. Mas não se preocupe tanto, talvez jogar-se ao dadaísmo narrativo seja uma tendência literária emergente e, glória das glórias, você pode ser o precursor que estava faltando (talvez depois disso continue faltando). A História da Literatura pode estar aguardando-o. Coragem!

Vamos ao enredo. O ponto mais fulcral entre os cruciais: aquele que selará o destino do interesse da humanidade pela sua obra.

3) enredo;

pensar-se em enredos complexos tem seu risco, mas é uma aposta interessante. Enredos mais simples também têm um bom apelo e mercado considerável (enredo nenhum, como atestam os livros de colorir, então nem se fale). Também convém pensar no ineditismo, afinal, não convém que duvidem da sua capacidade imaginativa ou o confundam com um outro qualquer. Ou, ainda, o pior dos horrores, que soe ou se confirme como um plágio. O plágio nada mais é que o opróbrio literário, mesmo que seja extensamente difundido e copiado. Algum aspecto vil da personalidade humana, talvez até mesmo um traço de psicopatia, pode render bons enredos. Personagens e situações boazinhas estão um tanto quanto out, mas jogo é jogo. Na Bíblia, por exemplo, há diversas passagens disponíveis para releitura e aproveitamento. Só cui-

FLESCH'S NOTES
Costurando cadernos • Realizando sonhos

de de mudar a localização geográfica, anote isso! Passagens históricas e mitos diversos são fontes inesgotáveis de inspiração, mas jamais esqueça que as soluções requerem desfechos improváveis, surpreendentes. Se isso desviá-lo do argumento um pouquinho, o sacrifício compensa… Prefira sempre que possível uma ambientação sombria a uma outra solar, para evitar-se de parecer folhetinesco. Um equilíbrio entre densidade e leveza é fundamental. Está sem ideias? Tente lembrar-se das aulas de química inorgânica, pois a literatura é assim também: uma gota a mais de qualquer coisa e bum! Foi-se o trabalho de uma vida…

Para prevenir situações horripilantes tais como essa, é bom pensar igualmente nos aspectos sociais da atividade, com o que penso em encerrar meu aconselhamento.

4) aspectos sociais e mercadológicos;

talvez já seja tarde demais para pensar nessas coisas e você esteja naquela situação de ter um volume pronto e um mundo para conquistar. Indispensável é pensar-se em um bom título. Já ouviu falar de livros que foram salvos pelos títulos? Dizem que existem. Antes de mais nada, talvez fosse interessante pensar que um livro sem leitores não tem o menor fundamento. Se você não pensa em contratar um serviço de marketing nem frequentar rodas literárias nem conhece pessoas influentes nem é professor de alguma faculdade nem tem a mínima ideia de por onde começar, não desanime! Como você acha que Cervantes começou? Ou Balzac? Ou Tolstoi? Assim mesmo: na coragem! Então, adelante! Procure pensar que nos tempos deles nem internet havia e eles conseguiram!

Bem, chegado até aqui talvez seja o momento de admitir que não penso tão seriamente em seguir o que preconizam e muito menos o que preconizo. Já muito me disseram e aconselharam e ainda hoje estou nessa confusão, mas certo de que jamais pensei em sacrificar a liberdade, coisa que, sem a qual, um livro não é um livro, mas um objeto. E objetos, convenhamos, não deveriam estar em livrarias e bibliotecas. Meu conjunto de conselhos talvez não dê em um livro que preste, mas em um objeto que vendesse eu não duvidaria nem um pouco. Se é isso que você pretende, sirva-se e bom proveito. Se não, ao trabalho que é disso que se trata e nada mais que isso.

Na dúvida, é melhor não mentir

Em seu romance de estreia, escritor aborda questões contundentes como prostituição infantil e *fake news*.

"A mentira é o único privilégio do homem sobre todos os outros animais", sentencia Dostoievski em sua obra-prima *Crime e Castigo*.

Partindo dessa premissa, o escritor Luiz Gustavo de Sá apresenta seu novo livro, o romance **Na dúvida, é melhor não mentir**, que está saindo pela editora **Penalux.**

O livro é protagonizado por Ricardo Galego, um jornalista desempregado que vem levando uma vida niilista e sem maiores pretensões, até que a inesperada gravidez de sua namorada surge para sacudi-lo do seu torpor. A exemplo de Bentinho, personagem machadiano do romance *Dom Casmurro*, Ricardo também tem dúvidas sobre a paternidade do filho que sua companheira espera.

Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de "verdade" e "mentira". "Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático", diz Gustavo. Segundo o autor, a ideia principal do livro é levantar discussões sobre as noções de "verdade" e "mentira". "Devemos fazer distinções entre as verdades que são subjetivas, que não servem para todos, e as mentiras descaradas, usadas deliberadamente com diversos propósitos, tanto a nível pessoal quanto midiático", diz Gustavo.

Na dúvida, é melhor não mentir
Luiz Gustavo de Sá
R$ 45 (174 p., Penalux, 2023).
editorapenalux.com.br/loja/na-duvida-e-melhor-nao-mentir

Felippe Aníbal

Trecho de Waltel Branco, o maestro oculto *(Banquinho Edições, 2023).*

Era noite de segunda-feira, mas Waltel Branco sabia que encontraria casa cheia. Naquele fim de verão de 1957, todo o Rio de Janeiro conhecia a fama da boate Drink: tratava-se do principal point dançante da capital, cuja pista, independentemente do dia da semana, fervia ao som infernal d'Os Milionários do Ritmo, conjunto criado e comandado pelo pianista Djalma Ferreira, dono do estabelecimento. Inaugurado três anos antes, em 1954, o Drink ficava à Avenida Princesa Isabel, na divisa entre Copacabana e o Leme, e em um enclave boêmio que incluía congêneres como o Arpège, do pianista Waldir Calmon; o Sacha's, do "homem da noite" Carlos Machado e do pianista Sacha Rubin; e a recém-inaugurada boate Fred's — que traria em cartaz nomes como Sarah Vaughan, Billy Eckstine e Bill Halley e Seus Cometas. A boate de Djalma Ferreira lotava de domingo a domingo e varava a madrugada, com pista cheia. Em regra, o "balanço" começava às dez da noite e, na maior parte da semana, se estendia até a manhã seguinte, com os músicos d'Os Milionários do Ritmo se revezando nos instrumentos. Quando o último acorde morria, muitos dos pares que ainda resistiam na pista — talvez graças às doses sucessivas de uísque — atravessavam a Avenida Atlântica e seguiam direto à praia do Leme, onde alguns dos clientes mais passados — em geral, gringos — se atiravam ao mar em mangas de camisa, numa tentativa de se refazer da noitada.

Não era, no entanto, pela badalação que Waltel foi naquela noite ao Drink, mas por outro motivo: a boate também ostentava fama de ter o melhor conjunto do Rio. A concorrência tinha exímios pianistas —Waldir Calmon e Sacha Rubin —, mas, no que dizia respeito ao balanço, estes não eram páreos para Djalma Ferreira, que tocava suingado, com molho. Por si só, Djalma já se garantiria. Acompanhado d'Os Milionários do Ritmo, então, chegava a ser covardia. O conjunto atraía não só casais e boêmios para a pista, mas também levas de músicos, de Orlandivo a João Donato, que iam para assistir aos colegas. Alguns ficavam do lado de fora, à porta do Drink, trocando figuras. Tornavam-se conhecidos do porteiro Waldir, cujo andar era marcado pelo "toc-toc-toc" seco produzido pelo contato de sua perna de pau contra as pedras portuguesas do calçamento — o que faria com que Waltel viesse a chamá-lo de Pirata. Contudo, a maioria dos instrumentistas entrava e, lá pelas três da madrugada, os mais conhecidos acabavam convidados pelos amigos do conjunto para dar uma canja — com a condição de que mantivessem o ritmo quente na pista.

Mas que gênero musical atraía tanta gente? Uma variação do samba, com maior impacto rítmico e marcada pelos recém-incorporados órgãos elétricos, e que ficaria conhecida como samba de balanço, sambalanço ou, simplesmente, balanço. Esta vertente havia sido gestada ali mesmo, na fronteira entre Copacabana e o Leme, e eclodido, principalmente, no Drink e no Arpège, antes de se disseminar para bailes, clubes e gafieiras. Não se tratava de samba de morro, muito menos de o que se viria a chamar de Bossa Nova. Era, essencialmente, música para dançar, pontuada por contornos jazzísticos e improvisações. Os conjuntos podiam até tocar samba-canção, mas o faziam com tanto suingue que se tornava impossível dançar de rostinho colado, como os casais faziam nas boates da high-society. Era outra roupagem. Se a Bossa Nova, que estava para nascer, viria associada à elite e teria essência contemplativa — para se ouvir sentado, bebericando uma boa dose de uísque —, o balanço era o som da classe média e um convite irrecusável à pista. Talvez por isso, as letras eram sempre leves e bem-humoradas, com direito a onomatopeias, como skindô, ziriguidum e teleco-teco — longe, portanto, da introspecção que empertigaria a Bossa Nova. Apesar disso, do ponto de vista rítmico, o sambalanço oferecia um vasto campo aos instrumentistas, principalmente no que diz respeito às possibilidades de improviso. Não à toa, o estilo atraiu, ali entre o Drink e o Arpège, músicos do naipe dos pianistas Ed Lincoln, Eumir Deodato, Luiz Eça e Cipó; do guitarrista Durval Ferreira; dos bateristas Wilson das Neves, Hélcio Milito, Edison Machado e Dom Um Romão; o percussionista Rubens Bassini; o trompetista Araken Peixoto; os crooners Miltinho, Sylvio César, Helena de Lima, Lila e Wilson Simonal; e os cantores Cauby Peixoto, Toni Tornado, Jorge Ben e Elza Soares; além de compositores como João Roberto Kelly, Haroldo Barbosa, Luiz Reis e Luiz Antônio, dentre tantos outros. O estilo se manteria no auge até a segunda metade da década de 1960, mas não adquiriria lastro a ponto de ser classificado como um movimento musical.

Quando adentrou ao Drink, Waltel entendeu o porquê da fama da boate e do conjunto. Sobre o palco, viu Os Milionários do Ritmo e, ao piano, o próprio Djalma Ferreira, que tocava com elegância, mas sempre sorrindo, como se fosse ele quem mais estivesse se divertindo naquele salão. Na sessão seguinte, Djalma acionou o Solovox, um pré-sintetizador eletrônico que havia importado dos Estados Unidos e que, incorporado ao grupo, ajudava a dar o tempero do balanço. Tratava-se de um teclado que funcionava acoplado ao piano e que permitia criar uma linha melódica e capaz de simular o timbre de vários instrumentos. O Solovox ajudava a criar efeitos orquestrais pioneiros para a época e caiu como uma luva no estilo cunhado por Ferreira. Branco já tinha ouvido as gravações em disco, mas agora via ao vivo como Djalma corria as mãos ao teclado, no baião Bicharada, emulando o som de animais. Um pouco adiante, quando o conjunto passou a tocar "Lady Be Good" (George Gershwin/Ira Gershwin), Waltel passou a prestar atenção no crooner. Na voz de Miltinho, a canção parecia ter vida própria, bem diferente da versão original, composta para um musical na Broadway estrelado pelos irmãos Fred e Adele Astaire. Muito menos lembraria o tom dramático que Ella Fitzgerald havia consagrado à música, em 1947. Impressionou a Waltel a vida diferente, a tonalidade vibrante que Miltinho deu ao hit, com um inglês impecável, flutuando sobre a levada rítmica d'Os Milionários. Passou então a reparar na forma como, ao interpretar sambas-canções, o crooner quebrava as sílabas e dividia as frases de um jeito muito próprio, reencaixando-as como ninguém.

Passava um pouco das três da manhã quando lá de cima do palco o trompetista Araken Peixoto — irmão de Cauby — fez um sinal a Waltel. O violonista se aproximou rapidamente, sem se fazer de rogado, porque sabia do que se tratava: era um convite para se juntar ao conjunto e dar uma canja. Naquela noite, no entanto, Waltel não tocaria violão ou guitarra, mas contrabaixo. Pode soar casual, mas não foi bem assim. Araken e Waltel eram velhos conhecidos da noite de Copacabana e o trompetista queria cavar um lugar para o amigo n'Os Milionários do Ritmo, que estavam desfalcados de contrabaixista fixo. Peixoto ponderou que tocar seria o melhor cartão de visitas que Waltel poderia oferecer. E Waltel tocou. Já estava familiarizado ao repertório do Drink — porque conhecia de cor os discos de Djalma Ferreira e porque havia sido bem orientado por Araken —, de modo que pôde se entrosar rapidamente ao conjunto e fazer algo de que gostava muito: improvisar. Se nas rádios cada música tinha duração média de dois minutos, no Drink os números se estendiam para bem além e não raramente chegavam à casa dos dez minutos — muito graças aos insights e liberdades que os instrumentistas tomavam com cada composição. Do Solovox, Djalma Ferreira não tirava os olhos daquele rapazote negro, de faces encovadas, que dedilhava o contrabaixo com intimidade, mantendo a marcação fluente, segurando a onda

até mesmo nos arroubos mais virtuosísticos de Ed Lincoln, que estava ao órgão. Às vezes, o próprio Djalma puxava alguns dos sambalanços iniciais, como "Samba Para Americano" e "Louco Por Samba" (ambos do pianista com Oscar Bellandi), ou rememorava temas mais antigos que não constavam no repertório, dourando-os com o molho do balanço, só para ver se Waltel, sem ensaio, conseguiria manter o caldo grosso. E ele manteve.

Passava das seis da manhã quando o último cliente deixou o salão e os garçons começaram a ajeitar as cadeiras sobre as mesas para encerrar o expediente. Como Araken ainda não havia tido tempo de fazer as apresentações, o próprio Djalma tomou a dianteira, puxando papo de um modo um tanto peculiar:

—Até que você não é ruim…

— É que o conjunto também não é dos piores — devolveu Waltel, rindo, em tom de gozação.

Como percebeu que o chefe estava de bom humor, Araken deu a deixa, sugerindo a Djalma que contratasse Waltel para integrar Os Milionários do Ritmo ou que, ao menos, o chamasse por um período de experiência. Ferreira, então, ficou sério e mediu da cabeça aos pés o contrabaixista que acabara de conhecer. "Por que você acha que devo te dar uma chance?", perguntou, por fim. Branco, por sua vez, respondeu a primeira coisa que lhe passou pela cabeça e que, apesar da sinceridade, soou com um tom petulante, que não combinava com seu caráter: "É que se eu entrar no seu conjunto, você não vai querer me ver fora dele". Não se sabe se pela resposta cheia de confiança, se pela apresentação improvisada que acabara de fazer com o conjunto, ou se por qualquer outro motivo, mas Waltel acabou saindo do Drink naquele dia que amanhecia como integrante d'Os Milionários do Ritmo por um período de testes de um mês. Não tocaria só contrabaixo, mas também guitarra — já que os músicos se revezavam na formação, ao longo da noite. Mas, conforme ele havia sugerido na conversa premonitória, Djalma o incorporaria definitivamente ao conjunto. Waltel também passaria a ser um milionário do ritmo.

Gabriela Mistral

Tradução de Ruth Sylvia de Miranda Salles

GOTAS DE FEL

Não cantes: sempre fica
à tua língua apegado
um canto: o que faltou ser enviado.
Não beijes: sempre fica,
por maldição estranha,
o beijo a que não chegam as entranhas.
Reza, reza que é bom; mas reconhece
que não sabes, com tua língua avara,
dizer um só Pai Nosso que salvara.
E não chames a morte de clemente,
porque, na carne que a brancura alcança,
uma beirada viva fica e sente
a pedra que te afoga
e o verme voraz que te destrança.